



O Diário de Anne Frank: uma compreensão fenomenológica a partir do modo de ser no mundo

The Diary of Anne Frank: a phenomenological understanding from the way of being in the world

Joaquim Iarley Brito Roque*

Mariana Rafael Xenofonte**

Raianne Ferreira Lima***

Resumo

A vida de Anne Frank deixou vastos conteúdos que podem ser analisados e estudados pela fenomenologia, em especial o período em que passou escondida juntamente com sua família e amigos, entre os anos de 1942 a 1944, que se intercala na Segunda Guerra Mundial. Durante este espaço de tempo, Anne escreveu um diário, onde conta suas alegrias, sonhos e aflições, o qual, após sua morte, foi publicado e tornou-se mundialmente conhecido. Anne viveu durante a maior guerra do século XX, tempo em que houve milhões de mortes e grandes mudanças para a humanidade, consequentemente trazendo também modificações para ela. Por ser judia, Anne teve que viver dois anos escondida das tropas nazistas, em um local conhecido como Anexo Secreto. Tal aprisionamento poderia acarretar na instalação ou não de patologias, visto que se fez necessária a remodelação das suas vivências, modos de ser e existir. Este trabalho utiliza-se da revisão bibliográfica de teóricos como Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger e Boss, que estabeleceram sua linha de pensamento dentro desta área, além de autores como Moreira e Maldonato, que acrescentaram uma nova visão à fenomenologia recentemente. Buscando reafirmar o viés fenomenológico nos escritos de Anne, são apresentados aqui conceitos existenciais, do modo de ser-no-mundo e do que é a patologia e a normalidade. Tais conceitos são expostos e relacionados à vida de Anne Frank, tendo como principal material para esta produção o diário escrito pela mesma.

Palavras-chave: Fenomenologia; Anne Frank; Existenciais; Ser-no-mundo; Normal e patológico.

Abstract

Anne Frank's life have left a vast content that can be analyzed and studied by phenomenology, especially when she, her family and friends were hiding, between 1942 up to 1944, a period that intercalates in the Second World War. During this time, Anne wrote a diary where she has expressed her joys, dreams and sorrows, which after his death, was published and became known around all the world. Anne lived during the biggest war of the twentieth century, time in which, there were millions of deaths and major changes for humanity, also bringing changes to her. Being Jewish, Anne had to live two years hidden from Nazi troops, in a place known as the Secret Annex. This imprisonment could or could not result in the installation of pathologies, since it makes imperative the remodeling of the experiences, ways of being and exist. This work uses the literature review of theoretical such as Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger and Boss, who established their lines of thought in this area, and authors such as Moreira and Maldonato, who added a new vision to the phenomenology more recently. Seeking to reaffirm the phenomenological bias in Anne's writings, here are presented existential concepts, the way of being in the world and what is the pathology and normality. These concepts are exposed and related to Anne Frank's life, based on her diary as the main material.

Keywords: Phenomenology; Anne Frank; Existentials; Being-in-The World; Normal and pathological.

* Docente da UNILEÃO, graduado em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia Intensiva e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Email: joaquimiarley@leaosampaio.edu.br

** Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO.

*** Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO.

Contatos: Email: joaquimiarley@leaosampaio.edu.br; marianaxenofonte@hotmail.com; raiannelima@gmail.com

Introdução

A Segunda Guerra Mundial representou uma mudança colossal no contexto histórico da época e trouxe consequências que perduram até hoje. A magnitude dos fatos ocorridos transformou o ambiente dos países por ela atingidos, remodelando a temporalidade, a espacialidade e as relações dos sujeitos com eles mesmos e com o mundo.

Os sentimentos relacionados à finitude e ao aprisionamento eram constantes no meio sociocultural, em que a incerteza da permanência da vida era recorrente. Nesta época, a guerra influenciava em abrangentes contextos, dentre eles: econômico, militar, industrial, tecnológico e científico. Junto a isso, ocorreram mortes e separações em diversas famílias, perda de nacionalidade dos fugitivos para outros países e surtos de doença decorrentes da guerra.

Toda essa conjuntura resulta em variados recursos que podem ser estudados pela fenomenologia, visto que esta estuda o fenômeno, ou seja, aquilo que se apresenta e se mostra a si mesmo. A fenomenologia estuda o fenômeno em sua integralidade, buscando sua origem e seus modos de forma ontológica. Um destes fenômenos foi o surgimento de mártires, dentre eles, Anne Frank, adolescente judia que lutou em vão para sobreviver à guerra, escondida de 1942 a 1944, e que relatou suas vivências em um diário que se tornou símbolo do que foi a Segunda Guerra Mundial e da luta dos judeus por suas vidas.

1 A fenomenologia como meio de investigação de uma história

1.1 A vida de Anne Frank

Annelies Marie Frank nasceu em Frankfurt, em 12 de junho de 1929, filha mais nova do casal Edith e Otto Frank, de origem judia. Anne viveu durante a Segunda Guerra Mundial e sofreu a opressão imposta às minorias. Em 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, passaram a ocorrer represálias antissemitas que impediam a livre circulação e a liberdade de judeus, testemunhas de Jeová, homossexuais, ciganos e negros, o que resultou na fuga da família Frank para Amsterdã, Holanda, em 1934. (FRANK, 2005)

Durante os primeiros anos de moradia no novo país, a família Frank tinha certa liberdade de circulação e de lazer. Anne e sua irmã Margot estudavam, eram boas alunas e possuíam muitos amigos. A família se adaptou bem ao novo ambiente, porém, em 1940, com a invasão nazista aos Países Baixos, a segregação tornou-se maior, com leis rigorosas que impediam os judeus até mesmo de frequentarem lugares públicos. (FRANK, 2005)

Em 1942, após a convocação da irmã de Anne pela SS para trabalhar de forma forçada em campos nazistas, a família decide se esconder dos soldados alemães em um prédio da empresa onde Otto Frank trabalhava. A família Frank dividia abrigo com a família Van Pels (no diário nomeada Van Daan) e, alguns meses depois, Fritz Pfeffer (no diário, Albert Dussel) junta-se a eles. Este evento mudou drasticamente a vida de Anne e de toda a sua família, anteriormente podendo ir à escola e sair de casa trivialmente, ela passa a viver somente enclausurada nesse prédio. Anne passa a escrever para seu diário como se estivesse se dirigindo a uma amiga e é perceptível a crença que o diário, nomeado como Kitty, realmente seria uma pessoa em que ela confiava completamente. (FRANK, 2005)

1.2 Existenciais fenomenológicos entropostos a essa história

Husserl postulou que o espaço, o tempo, a mundanidade existem para o indivíduo da forma em que são desejados, percebidos, pensados, julgados, vivenciados, dentre outras ações (HUSSERL, 1992). A mudança rápida da vida de Anne e o fato dela tornar-se uma pessoa escondida modificaram totalmente sua vivência de tempo e espaço, assim como as relações com as pessoas com que convivia. Em um de seus relatos escritos alguns dias após a sua chegada ao “anexo secreto”, ela afirma que não estava avaliando o tempo cronologicamente, mas sim que demorou a situar-se no contexto temporal em que estava inserida, por não ter uma divisão clara dos eventos ocorridos e dos que estariam por vir. A espera constante por algo que demorava a vir, como a chegada de ajuda por partes dos aliados, o fim dos bombardeios à cidade de Amsterdã e a paz como um todo, modificava a percepção do tempo e a experiência dela (FRANK, 2005).

A temporalidade foi primeiramente interpretada por Husserl. Posteriormente, Merleau-Ponty declara que o homem não é eterno, mas sim temporal, e que tal temporalidade precisa estar em harmonia com o sujeito. Novos autores vêm trazendo acréscimos ao que foi suposto. Dentre eles, Maldonato contempla que:

Uma verdade, de fato, só pode ser apreendida em seu devir, devir que não pode ser um conjunto computável de atos psíquicos, mas temporalidade vivenciada. Nesse sentido, o processo temporal não representa uma

parte real do fluxo das experiências, mas uma imanência ideal mediante a qual sempre podemos retornar às evidências adquiridas, antecipando outras, novas, e abrindo um horizonte de potencialidades infinitas (MALDONATO, 2008, p. 41).

É recorrente nos manuscritos de Anne sentimentos confusos e contrários, hora relacionados à saudade dos tempos passados, hora relacionados às expectativas do seu futuro. Segundo ela, essa inconstância a deixava aflita. Contudo, Anne sempre relatava a esperança de que a guerra acabaria, de que os judeus seriam libertados dos campos de concentração e de que ela se tornaria uma jornalista. Os planos futuros e o desejo de realizar seu projeto no mundo eram constantes e perceptíveis em sua escrita. Tal projeto baseava-se em suas ações, podendo ser mutável e buscando a coerência interna do sujeito (MOREIRA, 2010). Ela fala que o tempo que foi passado no “anexo secreto” poderia influenciá-los quando eles saíssem e retomassem suas vidas (FRANK, 2005).

Para Husserl, a verdade só existe quando se é dado algum sentido a ela. A fenomenologia vê a verdade alcançada como algo relativo, algo já ocorrido. Anne personificava seu diário, relatando suas vivências e seus sentimentos. Apesar de escondida, sua verdade não se restringia apenas ao local em que ela se encontrava, visto que Anne estava a par de acontecimentos além do esconderijo, via rádio e nas raras oportunidades que ela podia observar o mundo através das cortinas nas janelas do anexo. Tal verdade era relatada quase diariamente e endereçada à “pessoa” que era seu diário (MALDONATO, 2008).

1.3 Os modos de ser desempenhados por Anne Frank e pelas pessoas que com ela conviviam

A família Frank, a família Van Pels e Fritz Pfeffer viviam nos dois últimos andares do prédio Gies & Co, fábrica de tempero. Os donos dessa empresa ajudavam aos refugiados e mentiam para os funcionários dizendo que o espaço onde eles se escondiam pertencia ao prédio vizinho. Existiam regras para que a ordem fosse mantida e eles não fossem descobertos, como andar somente de meias, não dar descargas nem conversar em horário comercial e, em hipótese alguma, abrir as cortinas enquanto houvesse sol lá fora. O espaço era pequeno para oito pessoas e Anne tinha que dividir seu quarto com o Sr. Pfeffer, algo que se tornou invasivo para ela, e sua já estrita liberdade era diminuída pela presença de sete pessoas no seu cotidiano. Ela era criticada o tempo inteiro por seu modo de ser e chorava por não poder expressar sua indignação da forma que queria (FRANK, 2005).

Heidegger afirma que a espacialidade existe a partir do ser, sendo inevitável, pois em qualquer lugar que o ser humano esteja inserido a espacialidade se faz presente a partir da sua própria corporeidade. O espaço em que ela estava era restrito, pois estava ligado à pequena liberdade que lhe era proporcionada, visto que não era livre para fazer suas escolhas concretas nem realizar seu projeto no mundo. Os passatempos de Anne eram ler, escrever, fazer árvores genealógicas de famílias monárquicas e cursar aulas de inglês, francês e taquigrafia. Tudo isso funcionava como uma escapatória da realidade. A autora do diário não se queixava pelo tamanho do espaço físico, mas sim por conta das pessoas com quem convivia serem invasivas em seu espaço subjetivo (MOREIRA, 2010).

A partir do momento em que ela foi “obrigada” a se esconder, por tratar-se de sua sobrevivência, ela não teve possibilidade de escolha sobre o seu futuro, se iria ou não para a escola, ou mesmo a escolha do local onde se esconderia. Para Teixeira (2006), a angústia é gerada ao se fazer escolhas sem saber previamente suas consequências, em decorrência disto, Anne não pode ser enquadrada neste âmbito da angústia.

A fenomenologia vê o ser humano como um sujeito que possui variadas formas de ser no mundo. Binswanger divide os modos de ser no mundo em três níveis: *Umwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt*. *Umwelt* seria a realidade, tudo que está ao nosso redor, caracterizado pelas paisagens, objetos, limites geográficos e até mesmo a corporeidade (BINSWANGER apud MOREIRA, 2011). O mundo ao redor de Anne era marcado não somente pelo espaço do esconderijo secreto, mas por fatores que ocorriam além da Holanda. Um exemplo disso foi a demora dos aliados para libertar os Países Baixos do domínio nazista. Cada passo, por menor que tenha sido, influenciou o rumo que a guerra tomou e conseqüentemente a vida das pessoas que se escondiam no “anexo secreto”. No diário pode ser lido que “ninguém pode ficar longe do conflito, o mundo inteiro está em guerra, e mesmo com os Aliados se saindo melhor, o fim não está próximo.” (FRANK, 2005, p. 90), isto reforça a interferência que acontecimentos ocorridos em outros lugares tinham sobre o mundo biofísico de Anne.

Outro modo de ser proposto por Binswanger tratava-se do *Mitwelt* ou a vivência do ser humano na sociedade e suas relações com os outros. É a partir dele que o homem se torna ser-no-mundo, sendo o *Mitwelt* é o mundo compartilhado (MOREIRA, 2011). As relações de Anne com os outros foram modificadas ao longo dos anos. Inicialmente, quando ainda não estava escondida, Anne era popular na sua escola, possuía muitos amigos, muitos pretendentes a namorado, era uma das melhores alunas e o apoio de seus pais sempre existiu. Após sua fuga, ela viu

sua vida se modificar, convivendo agora com sete pessoas que limitavam sua liberdade, tanto física quanto expressiva, criticando-a o tempo inteiro. A autora do diário, após dois anos vivendo escondida, escreve que:

Quando penso na minha vida em 1942, tudo parece irreal. A Anne Frank que desfrutava daquela vida celestial era completamente diferente da que ficou ajuizada dentro destas paredes. Sim, foi celestial. Cinco admiradores em cada esquina, umas vinte amigas, a preferida da maioria dos professores, completamente mimada por mamãe e papai, sacolas cheias de doces e dinheiro para gastar. Que mais eu poderia pedir? (p. 218)

As relações mais descritas no diário foram da escritora com seu pai e sua mãe, que eram opostas a ponto de gerar brigas entre os três, ficando evidente a discrepância do respeito que Anne tinha pelo seu pai e pouco se via pela sua mãe. É detalhado constantemente o amor que ela sentia por Otto Frank, chegando até a sentir ciúme de pessoas que tentavam se aproximar dele. O pai sempre foi atencioso e carinhoso com ela. Ele a aconselhava e defendia, além de passar horas estudando junto com sua filha. A relação de ambos era uma das felicidades que Anne possuía no seu isolamento, pois ela se sentia entendida por pai (FRANK, 2005).

A relação de Anne com sua mãe é mostrada como perturbada no diário antes mesmo deles se esconderem. Muitas vezes, a primeira se sentia culpada por não tentar melhorar o convívio com Edith Frank. A autora do diário escreveu muitas vezes que não admirava nem amava sua mãe, e que não a considerava um exemplo a ser seguido. Anne sentia que sua mãe sempre defendia sua irmã mais velha, Margot Frank, e, em contraposição, criticava-a e reprovava seus atos. Os vínculos mantidos com sua irmã eram ambíguos, pois, em certos momentos, elas se davam bem e se respeitavam, existindo uma ajuda mútua, enquanto em outros ocorriam brigas, desentendimentos e ciúmes. Edith cobrava constantemente que sua filha mais nova se espelhasse em Margot e tomasse-a como exemplo a ser seguido. Anne conta no seu diário que apenas gosta de Edith e de Margot porque elas, respectivamente, são sua mãe e sua irmã, e que não amava mais ninguém no mundo com exceção de seu pai (FRANK, 2005).

No anexo, junto à família Frank, também viviam outras pessoas. De início, Anne não gostava da presença de nenhum delas e até lamentava que os Van Pels tivessem um filho e não uma filha, que pudesse vir a se tornar sua amiga. As brigas constantes do casal Van Pels irritavam bastante Anne, até mesmo detalhando em seu diário uma das discussões na íntegra. Mas, com a convivência e o passar do tempo, ela desenvolveu um afeto por Peter Van Pels, filho do Sr. e da Sra. Van Pels. Ele contribuiu também para a descoberta de questões relacionadas à sexualidade dela, sendo a primeira pessoa a beijá-la. Fritz Pfeffer era considerado por Anne uma pessoa muito invasiva, pois limitava muitas coisas na convivência, inclusive o horário em que Anne poderia usar uma mesa que havia no quarto deles (FRANK, 2005).

O terceiro nível do modo de ser no mundo, o *Eigenwelt*, trata-se do mundo cujo sentido é dado pelo sujeito, o mundo subjetivo, onde existe uma percepção de si mesmo (MOREIRA, 2011). Anne via-se de diferentes formas. Às vezes observando seus defeitos e criticando-os, e em outras se descrevendo como uma boa pessoa, de bom caráter. Ela se chateava por não ter o controle de diversas situações comuns do seu dia a dia. O choro é recorrente na sua fala, principalmente quando aconteciam brigas dentro do esconderijo. O diário representava para ela uma melhor amiga que lhe proporcionava conforto e segurança enquanto escrevia. Anne tinha medo que seu diário fosse perdido ou tirado dela, pois os períodos em que ela escrevia eram os únicos em que ela era livre e podia ser autêntica, sem regras nem censuras. É frequente em seus escritos o desejo de ser uma adolescente como qualquer outra, livre. Anne narra em 1943 que:

(...) os sentimentos não podem ser ignorados, não importa que pareçam injustos ou ingratos. Gostaria de andar de bicicleta, dançar, assoviar, olhar o mundo, me sentir jovem e saber que sou livre, mas não posso deixar isso transparecer. (...) Algumas vezes me pergunto se alguém algum dia entenderá o que estou dizendo, se alguém deixaria de lado a minha ingratidão e não se importaria se sou judia, e apenas me visse como uma adolescente que precisa demais de uma simples diversão (FRANK, 2005, p. 164).

Binswanger (1971) afirma que a estagnação em um determinado modo de ser transfigura-se em patologia, pois a saúde resultaria da vivência dos três modos de ser. Anne passou dois anos presa, vivendo com os mesmos sujeitos, contudo eles recebiam a todo momento visitas de pessoas de fora trazendo informações do que acontecia no mundo, além de comida e outras necessidades. Isso gerava grande alegria, já que Anne tinha novas pessoas com quem conversar. É importante contemplar que não ocorria a cristalização do *Mitwelt*, mesmo que o espaço do anexo fosse restrito e a redatora do diário convivesse com as mesmas pessoas (BINSWANGER, 1971).

Os momentos de maior tensão na estadia de Anne no esconderijo eram aqueles em que havia bombardeios e em que havia barulhos que davam a entender que o local estava sendo invadido. É perceptível que seu maior medo era a morte. As pessoas que são afetadas em uma guerra também são influenciadas por um pensamento constante sobre sua

finitude e, durante a Segunda Guerra Mundial, a guerra que mais matou, manter a tranquilidade era quase impossível. Heidegger postula que a finitude é a possibilidade última, inevitável, que anula todas as outras possibilidades. Anne enfrentava a finitude todos os dias (COSTA, 2010).

Considerações finais

Para Boss (1997), a patologia ocorre quando há a cristalização envolvendo os existenciais. A transformação da vida de Anne, por mais extrema e complicada que tenha sido, não está incluída em uma patologização. Em nenhum momento a vida de Anne foi paralisada ou perdeu seu significado. Ela possuía a esperança de sobreviver, o que persistiu e impediu a instauração da patologia. Houve diversos momentos em que ela não tinha o controle da sua situação, mas isto não a impedia de buscar e conseguir exercer novas maneiras de continuar vivendo.

O último relato do diário de Anne Frank é datado de 1º de agosto de 1944, em que ela fala das contradições de sua vida. Os oito moradores do esconderijo foram presos no dia 4 de agosto de 1944, passando algum tempo em uma prisão em Amsterdã. Foram transferidos para um campo de triagem no norte da Holanda e mais tarde, em setembro de 1944, foram deportados para Auschwitz, na Polônia.

Anne e sua irmã, Margot, foram levadas em meados de outubro para um campo de concentração na Alemanha, perto de Hannover. As duas morreram devido a uma epidemia de tifo que ocorreu no inverno entre 1944 e 1945. Segundo informações, ela deve ter morrido entre o final de fevereiro e o início de março, atingindo assim a sua finitude. O único sobrevivente foi Otto Frank, que recebeu os manuscritos da sua filha ao retornar à Holanda e uniu todos em um livro, mundialmente renomado.

Referências

- BINSWANGER, L. Analyse de la Phenomenologie. In: _____. *Introduction à l'analyse existentielle*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971. p. 79-117.
- BOSS, M. Introdução à daseinsanalyse e medicina psicossomática: ciência ou magia? *Daseinsanalyse: revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, v. 8, p. 5-21, 1997.
- COSTA, P. E. Inautenticidade e finitude em Heidegger. *Saberes: filosofia e Educação*, Natal, v. 03, n. esp., p. 151-153, 2010.
- FRANK, A. *O diário de Anne Frank*: edição integral. Tradução de Ivanir Alves Calado. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HUSSERL, E. *Conferências de Paris*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- MALDONATO, M. Consciência da temporalidade e temporalidade da consciência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n.1, p. 39-54, 2008.
- MOREIRA, V. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 4, p. 723-731, out./dez. 2010.
- MOREIRA, V. A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss, e Tatossian para a Psicopatologia Fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 17, p. 172-184, dez. 2011.
- TEIXEIRA, José A. Carvalho. Problemas psicopatológicos contemporâneos: uma perspectiva existencial. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 405-413, jul. 2006.

Data de submissão: 22/03/2017

Data de aceite: 26/05/2017